

**PARTE IV:  
GUARDA-CHUYA**

Chamo-me Ashton Lee e tenho cinquenta e dois anos. Formei-me em Direito na Universidade de Newcastle e fui advogado durante sete meses, ao fim dos quais investi na carreira de detetive privado. Sou hoje um dos mais aclamados detetives privados da Europa e pretendo manter a minha reputação. Só aceito casos de grande importância e que me façam evoluir.

Conheci a Margarida Silveira numa festa em Paris que tinha como objetivo angariar fundos para a associação Silveira. A minha esposa fazia donativos regulares e, como seria de esperar, foi convidada. Apesar de não apreciar festas daquela magnitude, não seria um marido exemplar se deixasse a mulher com quem me casei viajar sozinha.

Notei na Margarida uma fragilidade apreciável. Não tinha por hábito observar outras mulheres, mas aquela transmitia-me uma elegância diferente da mulher comum. Não mais a vi desde então, até há dois meses atrás, quando me pediu ajuda para um problema gravíssimo que tinha de ser resolvido.

Depois de me explicar o sucedido, percebi que a corrupção é um tema real e não pura lengalenga utilizada como argumento para qualquer discussão. Tendo ligações à Polícia, a família Silveira tentou ao máximo abafar o caso da morte do Daniel, assim como no caso da morte da Cecília, do qual mais tarde tomei conhecimento.

A proposta era simples: cem mil euros para eu encontrar a ou as pessoas responsáveis pelos crimes. Havia, no entanto, uma questão primordial a ser tratada antes de eu poder avançar. Seria a palavra “crime” adequada?

A versão adiantada à imprensa ia de encontro ao que os títulos mais tarde mostravam: “Acidente: Diretor de associação morre atropelado” e “Namorada de Daniel Silveira sente-se mal e falece em funeral”. Não havia homicídio no conhecimento do público.

Analisei vários nomes e foquei-me naqueles que mais interagiam com o Daniel, a família mais próxima e os funcionários da associação. Pedi-lhes que me enviassem uma declaração individual que contivesse todos os detalhes daquilo que fizeram, viram e ouviram, e que, no fundo, desabafassem. O que pretendia era obter a visão de cada um dos acontecimentos.

Por outro lado, pedi à Margarida que falasse com cada um deles, de forma a poder comparar as declarações orais com as palavras por mim obtidas. Tinha noção do risco que corria, mas estava preparado para isso. Se ela fosse a assassina, iria descobri-lo mais cedo ou mais tarde.

A chave da resolução do mistério estava no guarda-chuva levado à festa da associação. A ideia original era matar o Daniel, porém a pessoa assassinada foi a Filipa... por engano.

Nenhuma previsão meteorológica indicava chuva. Até a temperatura dizia aos convidados para não levarem guarda-chuva. Uma pessoa levou o guarda-chuva que matou a Filipa. O detalhe do guarda-chuva trouxe-me à memória uma história muito simples que acontecera em 1978. Um jornalista búlgaro, de nome Georgi Markov, foi vítima de um episódio invulgar nas ruas de Londres. A trabalhar na BBC, Georgi esperava o autocarro quando um indivíduo surgiu sem que ele reparasse e espetou-lhe a parte traseira da perna com um guarda-chuva, fugindo de seguida. A vítima acabou por falecer alguns dias depois. Ao estudar o caso insólito, a conclusão a que chegaram os especialistas foi simples: a ponta do guarda-chuva continha um extrato de ricina, uma substância altamente tóxica. O veneno fora introduzido numa minúscula bola de metal com dois buracos. Em contacto com o tecido muscular, a ricina tem o poder de se infiltrar no organismo e criar os mais diversos sintomas, cuja intensidade vai aumentando até à morte.

Esta é a triste história da morte de Filipa, comprovada depois pela autópsia. Interessou-me saber quem estava ao lado da Filipa e do Daniel, de maneira a tentar descobrir quem o fizera.

Excluí a Filipa da lista dos principais suspeitos, já que não me pareceu lógico ela matar-se com ricina. Quando alguém pretende matar-se, normalmente usa um método mais indolor e eficaz. A ricina provoca sintomas bastante desagradáveis.

Juntei o grupo de colegas na mansão e pedi-lhes que se dirigissem à posição em que se situavam quando a Filipa foi agredida. À direita do Daniel estava Rosália. À esquerda da Filipa permanecia Viviana.

Viviana nunca gostara da relação entre Filipa e Daniel e acreditava piamente que o seu patrão nunca reparara no amor que sentia por ele. Sentia-se corpulenta e muito pouco sensual, mas sabia que lhe devia ser dada uma oportunidade. Desprezo após desprezo, Viviana foi construindo, ainda que sem intenção, um sentimento de injustiça e ódio que a levou, em momentos de loucura e adrenalina, a tentar matá-lo. Começou a informar-se sobre diferentes métodos de envenenamento, até que encontrou aquele que mais a entusiasmou. Não esperava, contudo, que lhe saísse o tiro pela culatra.

Estêvão confirmou que quem trazia o guarda-chuva era de facto Viviana. A nossa assassina tentou disfarçar o melhor que pôde ao aperceber-se de que havia atingido a pessoa errada com a ponta afiada do seu guarda-chuva e foi ajudar a vítima. Ela conhecia as consequências da ricina, mas não podia sugerir uma ida ao hospital porque uma investigação iria ser aberta para apurar responsabilidades.

O tempo tornou-se o pior inimigo de Viviana. Com Filipa a morrer lentamente, a vontade de matar a pessoa correta aumentou fortemente e, como tal, devia agir o mais rápido possível. Tinha um plano B, o cianeto, que agiria num abrir e fechar de olhos. Fez o patrão beber um sumo que continha precisamente

cem miligramas de cianeto pouco antes da hora de almoço do dia em que este acabou por falecer.

Viviana viu-se encurralada ao reconhecer que eu descobrira a verdade.

Houve uma pequena quantidade de mentiras nas declarações dos suspeitos. Por outro lado, as omissões foram relevantes. O André escondeu a discussão que teve com o patrão, por exemplo. Por outro lado, a ausência de Estêvão durante o funeral do filho deveu-se ao breve encontro que teve com Rosália fora do cemitério. Pretendia dizer-lhe que o caso que tiveram até então terminava ali. A morte do filho fê-lo entender o quão importante é uma família viva. A sua família. No que toca a Bárbara, ela sabia, tal como o escreveu, que Filipa ia morrer na tarde do funeral. A “boa moça”, como a descreveu inicialmente, não era assim tanto do seu agrado. Ainda que não suspeitasse de qualquer envenenamento, era sua intenção matá-la naquela tarde. O membro mais jovem da família Silveira sofrera bastante um ano antes, tendo tentado suicidar-se várias vezes. Numa das crises passageiras, Bárbara contou à namorada de Daniel que este a violara sem escrúpulos. Filipa defendeu o companheiro e chegou a dizer que a culpa teria sido certamente de Bárbara. Com o irmão morto, esta última pensou que Filipa fosse desaparecer impune pelo que lhe dissera. Consegui obter estas informações depois de convencer a Bárbara de que outra pessoa havia cometido os crimes. Era assim mais simples para ela contar-me a verdade. Susana, por outro lado, continuava disposta a fazer justiça com as suas próprias mãos e aproveitou o funeral para tentar convencer Filipa a pedir desculpa à Bárbara por tê-la culpado por algo que o Daniel fizera. A faca não foi usada, dado que a morte ocorreu antes de qualquer outra tentativa.

Resta-me desejar que não se mate por tão pouco. Estou habituado a tomar conhecimento das mais diversas razões, mas tenho notado que se mata cada vez mais por cada vez menos.